

EDUCAÇÃO POPULAR E INFÂNCIAS: O PROTAGONISMO INFANTIL NA CONSTRUÇÃO DE SABERES E RESISTÊNCIA LOCAL

DANIELE DEMERTINE THOMASINI¹; RAFAEL BUZINARO STÁBILE²; ALINE ACCORSSI³

¹*Universidade Federal de Pelotas – daniele.thomasini@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – rafael.stabile@outlook.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o projeto “Criançar da Comunidade” que está sendo desenvolvido através do Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular (GAPE), vinculado ao Programa de Educação Tutorial (PET), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A proposta educativa e popular é realizada em Pelotas/RS no bairro Navegantes, na comunidade Passo dos Negros.

A ideia do projeto surge de uma pesquisa realizada no contexto da disciplina “Brincar nas Infâncias”, do Curso de Pedagogia da UFPel, que tinha o objetivo de investigar o potencial da cultura infantil da Travessa Leonel de Moura Brizola, também conhecida como Corredor das Tropas, que está situada no Passo dos Negros e é uma das ocupações irregulares de Pelotas marcada pela extrema precariedade e vulnerabilidade. As famílias ali presentes sofrem diretamente uma desigualdade alarmante e constantes ameaças de despejos vindo dos conflitos políticos e das especulações imobiliárias que tem interesse no território.

A pesquisa evidenciou o potencial e a força das culturas infantis que se formam a partir da interação com o ambiente e a comunidade, em que mesmo com as precárias condições e o contexto complexo em que estão inseridas, as crianças seguem brincando, criando e ressignificando suas experiências e vivências. O verbo “criançar” supõe que criança é ação, protagonismo, brincadeira, movimento no futuro e no presente (ALVES e MEDEIROS, 2022).

Neste sentido, a intenção do projeto enquanto proposta de educação popular é instigar as crianças a perceberem que suas produções construídas através do seu ser e estar no mundo tem valor e que suas experiências podem ser trabalhadas por lentes de compreensão científica (FREIRE, 2001). Assim, o “Criançar da Comunidade” vai contra o olhar adultocêntrico que vê a criança como um indivíduo que não produz conhecimento e cultura, e contra a cultura do silêncio que impossibilita que os sujeitos possam dizer sua palavra, expressar seus sentimentos e pensamentos, afirmar suas verdades, sendo negados em seus direitos. Esta cultura atua sobre as infâncias, fazendo com que muitas crianças não consigam se reconhecer como sujeitos criativos capazes de transformar aquilo que os cerca (OSOWSKI, 2010).

Assim, o projeto “Criançar da Comunidade” tem como objetivo fomentar o caráter político-cultural das infâncias através de oficinas diversas partindo dos saberes das crianças, com elas sendo protagonistas das atividades, podendo explorar e expressar suas vivências, histórias, e conhecimentos, fortalecendo a identidade das culturas infantis da comunidade e a resistência local. Para que mesmo na tenra idade as crianças tenham esse espaço possível de se

reconhecer enquanto sujeito político da história, assumindo-se como ser social, criador, pensante, capaz de sonhar, de amar, de ensinar, de comunicar e transformar (FREIRE, 1996).

2. METODOLOGIA

A metodologia alinha-se a perspectiva de fomentar as culturas infantis através de práticas educativas político-culturais debruçando-se na relação entre dois autores, Snyders (1994) ao apontar que uma atividade configura-se melhor como cultural quanto mais estiver integrada a um tema essencial da vida e Freire (1996) ao trazer que devemos pensar que experiências informais, neste caso que acontecem nas ruas, no banhado, na casa do vizinho, na comunidade, são vivências significativas e base de conhecimento e cultura popular.

Posto isto, o projeto desenvolve-se seguindo 4 eixos principais: 1- Construção de Vínculos; 2- Reconhecimento de Território; 3- O Criançar Materializado; 4- O Sujeito adulto e a Comunidade como Criancistas.

Partindo desses eixos, as oficinas são elaboradas e realizadas em encontros periódicos, os planejamentos são prévios, mas não definitivos já que a intenção é ter as crianças enquanto protagonistas. Assim, parte-se dos interesses e demandas que elas trazem através de trocas dialógicas, que são base para a idealização das atividades. Através destes encontros é construído o vínculo com as crianças e com a comunidade, criando espaços de discussões e compartilhamento de vivências.

Pretende-se desenvolver oficinas explorando diversas linguagens, arte e artesanato, registros fotográficos e audiovisuais, música, confecção de escritos, brincadeiras e brinquedos populares, além de oficinas com os cuidadores e familiares das crianças, bem como outros sujeitos presentes no território, para integração de adultos no ambiente lúdico infantil.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Antes de iniciar as atividades práticas do projeto, precisávamos de um espaço na comunidade para realizá-las. Então, começamos a conversar com alguns moradores até entrar em contato com uma senhora responsável por um campinho de futebol local. Apresentamos o projeto a ela e conseguimos a autorização para utilizar o campo.

Assim, guiado pelos objetivos e perspectivas do “Criançar da Comunidade”, o projeto iniciou suas atividades com oficinas de compartilhamento de brincadeiras. O intuito era estabelecer vínculos com as crianças da comunidade, além de conhecer suas culturas infantis e os repertórios lúdicos presentes no território. Percorrendo a área, ao encontrarmos crianças nas ruas, aproximávamo-nos para nos apresentar e convidá-las a participar das oficinas. Quando demonstravam interesse, conversávamos com suas mães, explicando os detalhes do projeto e assumindo o compromisso de levar as crianças de volta para casa após as atividades.

As oficinas brincantes superaram as expectativas. Tivemos um grupo diverso de crianças de diferentes faixas etárias em que todas brincaram e criaram juntas. Cada uma ia propondo alguma brincadeira que gostava e, caso alguém não conhecesse, elas mesmas explicavam e ensinavam para o

grupo. Nestes encontros ocorreram diversas trocas significativas e diálogos ricos, evidenciando como independentemente de serem sujeitos que crescem na mesma comunidade, cada um constrói seu próprio repertório, resultando em culturas infantis diversas, mas que ainda assim se transpassam e se complementam:

E somos humanos porque, sendo seres da natureza, nós nos construímos como sujeitos sociais criadores de cultura. Tudo o que existe entre a pessoa, a pedagogia e a educação constitui planos, conexões, fios e tramas do tecido complexo e sempre mutante de uma cultura. Somos humanos porque criamos cultura e continuamente as transformamos. E uma cultura ou algumas existem entre nós e em nós objetiva e subjetivamente (BRANDÃO, 2010, p. 100).

Os primeiros encontros consistiram em oficinas de compartilhamento de brincadeiras, visando estabelecer vínculos não apenas com as crianças, mas também com suas famílias, adentrando no universo das infâncias a partir de seu ponto central: o ser criança em sua totalidade. Para trabalhar com essas culturas infantis, era fundamental primeiro instigar nas crianças a compreensão de que, além de estarem inseridas em uma cultura, elas também a produzem ativamente, a partir de seus contextos e vivências cotidianas. Seus saberes, suas histórias, identidades e subjetividades devem ser reconhecidas e valorizadas, este é o ponto de partida para o sujeito se (re) construir enquanto cidadão que interfere ativamente na sociedade: “[...] as crianças ao internalizarem a cultura com que têm contato contribuem ativamente para a mudança social e cultural, já que a reelaboram e reinterpretam” (CORSARO, 2003, 2011 apud SOUZA, SANTIAGO e FARIA, 2018, p. 84).

Após esse momento inicial de construção de vínculo, seguimos para o desenvolvimento de oficinas com enfoque no reconhecimento de território a partir dos olhares das crianças. Desenvolvemos um conjunto integrado de atividades para explorar o conceito de bairro com as crianças. Iniciamos com rodas de conversa onde compartilhamos percepções sobre os elementos que compõem o espaço comunitário. Em seguida, realizamos caminhadas exploratórias pelo território, nas quais as crianças narravam histórias pessoais e nos apresentavam suas casas e os estabelecimentos locais que fazem parte de seu cotidiano. Paralelamente, trabalhamos noções espaciais por meio de atividades lúdicas e exercícios práticos. As crianças se engajaram na construção coletiva de um mapa do território onde vivem, além de elaborarem mapas individuais traçando o percurso de suas residências até o campo onde desenvolvemos as atividades do projeto. Como culminância desse processo, realizamos uma atividade artística colaborativa, em que as crianças criaram uma pintura coletiva retratando tanto a realidade atual da comunidade, quanto suas aspirações e desejos de transformação para o espaço que habitam. Essa pintura sintetizou de forma criativa suas percepções e anseios em relação ao bairro.

Atualmente o projeto segue trabalhando acerca do reconhecimento de território, e conta com um grupo de em média 10 crianças de 5 a 10 anos, encaminhando-se para os próximos passos com a realização das oficinas temáticas que explorem diversas linguagens e elementos das culturas infantis da comunidade.

4. CONSIDERAÇÕES

As atividades desenvolvidas pelo projeto “Criançar da Comunidade” evidenciam não só a diversidade de experiências e interações que moldam as culturas infantis da comunidade Passo dos Negros, mas também o potencial cultural e identitário que emerge em contextos comunitários. A convivência entre crianças de diferentes idades, entre a comunidade como um todo e a proximidade com a natureza, proporciona o desenvolvimento lúdico e social, onde o brincar se transforma em uma poderosa fonte de aprendizado e convivência.

Destaca-se que os resultados do projeto são parciais, pois este ainda está em andamento, mas já vem estimulando as crianças a explorarem sua própria visão do mundo e a compartilharem seus conhecimentos. Nesse sentido, além de se fortalecerem enquanto grupo, elas fomentam a preservação e compartilhamento das tradições e saberes da comunidade, muitas vezes ignorados ou marginalizados pelos olhares externos.

Por meio deste trabalho coletivo para fomentar a valorização dessas infâncias, espera-se que a resistência local seja ainda mais consolidada, já que, mesmo que o foco sejam as crianças, as famílias como um todo também vão - e algumas já estão - se integrando no projeto. Esse espaço que o projeto pode construir com as crianças é um espaço onde elas possam se sentir respeitadas e valorizadas, refletindo uma cultura que, apesar de tantas adversidades, permanece viva e com enorme potencial político-cultural de infâncias que continuam se (re)criando, enquanto transformam e ressignificam sua realidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Míriam Cristiane; MEDEIROS, Rita. **Culturas Infantis de Terreiro: agenciando memórias, histórias e narrativas.** 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios.** 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001.

OSOWSKI, Cecília Irene. Verbete Cultura do Silêncio. In: **Dicionário Paulo Freire.** 2. ed. rev. amp. 1. reimpr. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SOUZA, Ellen Gonzaga Lima; SANTIAGO, Flávio; DE FARIA, Ana Lúcia Goulart. **As culturas infantis interrogam a formação docente: tessituras para a construção de pedagogias descolonizadoras.** Revista Linhas. Florianópolis, v. 19, n. 39, p. 80-102, jan./abr. 2018.

SNYDERS, G. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994.